

BRASIL-PORTUGAL

1 DE DEZEMBRO DE 1899

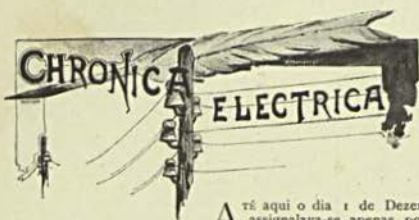
N.º 21

No Baixo Alemtejo



Cliché de Silva Nogueira

O casal de um lavrador



Atré aqui o dia 1 de Dezembro assignalava-se apenas por giandolas de foguetes, luminarias e repiques de sinos. A estas manifestações aldeias e espalhafatosas estava reduzido o patriotismo. A Sociedade 1.º de Dezembro era o cadáver do que tinha sido, a recita de gala no solemne Theatro Normal acabava de ser transferida para o popular theatro da Rua Nova da Palma, as peças patrióticas que tinham entusiasmado os nossos avós jaziam nos arquivos, os poetas da redempção de Portugal tinham a lyra desafinada, e, finalmente, o dia e a noite do 1.º de Dezembro não passavam de uma edição barata desse magno acontecimento celebrado por muitas gerações extintas.

Eis senão quando de um lado de onde ninguém esperava surge a *resonância* gloriosa, a *desforra* magnífica. Porque o *Brasil-Portugal* tem de si para si que a despedida da Hadíng e o debut de Augusto Rosa... em francez, não foi por acaso que coincidiram com o anniversario da restauração de Portugal.

Tambem não foi o acaso que n'essa noite já agora memoravel fez comparecer no theatro D. Amelia o chefe do Estado e sua augusta familia e o que tem de mais fino e *selected* a primeira Sociedade de Lisboa. Não quer o *Brasil-Portugal*, é certo, avarer a vida de que tivesse havido passe de palavra, ou de que um opportuno alerta, gritado de cima, reunisse todos no mesmo posto de honra, isto é, na sala d'aquelle theatro.

Mas o que é facto, é que difficilmente se reunem, para celebrar um acontecimento, tanta gente fina no mesmo logar.

Não se provará mais uma vez que o Dedo da Providencia não é uma palavra vã?

Ex digitur... é bem certo. Vejam como elle, tanto nas grandes como nas pequenas coisas imprime o seu cunho. Relembrar victorias ganhas sobre os Hespanhoes ha já um par de seculos, seria, alem de tudo, *mauvais genre*, falta de generosidade e excesso de memoria, n'um momento historico em que a Hespanha sangra de feridas recentes. Portanto, é adiar para melhor occasião os hymnos, os fungagás, os entusiasmados serodios. E aqui tecem como o que á primeira vista parece falta de patriotismo é afinal um extremo de bizarrria e de magnanimidade.

Tirar qualquer desforra de uma ou de outra picuinha que a Inglaterra acaso nos tenha feito, era pôr em esquecimento favores grandes que lhe devemos, e o momento em que ella está a braços com uma guerra, que já lá mesmo chamaram civil, hão de confessar que não era o mais asado. Nada por conseguinte tinhamos que ver com o grande imperio britannico, do qual somos aliaz amigos e aliados.

Relancia-se então o olhar pelo *mappa-mundi* e, espalhada por elle,

nenhuma nação se encontra que faça vibrar na sua presença o patriotismo portuguez. Nenhuma? Não é bem isto. Ha uma entre tantas que n'um dia consagrado a regosijos nacionaes faz estremecer um bocado a nossa fibra patriótica. Essa nação é a França. Amamol-a todinho pelo seu espirito e pela sua arte, mas nem nos esqueçamos da dura visita que nos fez ha perto de cem annos, nem da questião *Charles e George*, nem das palavrás amargas do sr. Casimir Périer. E é n'este ponto que o Dedo providencial começa a despotar.

Para uma desforra condigna nunca é tarde, e não ha campo que se regeite. Ora o *Brasil-Portugal* acaba de ver confirmada a sua opinião, de que o campo mais apropriado é o da arte.

De um lado a França. Do outro o theatro D. Amelia. De um lado a gloriosa arte franceza. Do outro um simples artista portuguez. De um lado passamos difficuldades a vencer, desde o confronto com um actor de nome até á linguagem n'um idioma estrangeiro. Do outro lado um publico exigente que perante os arrojos inspirados ou nobres tem sempre assitada a galhofa ou pelo menos a descrença.

Pois esse artista portuguez entrou no palco onde a voz da Sarah, da Granier e da Hadíng, nos tinha cantado n'uma serie de noites a musica mais bella que os ouvidos podem escutar, e, poucos minutos decorridos, podia triumphante dizer consigo: *Veni, vidi, vici.*

Esse artista foi Augusto Rosa. Nunca até aqui o duque de Septemonts fallou uma linguagem mais parisiense, vestiu uma sobrecasaca mais correcta de *gentleman*, pôz um monocolo mais irritante, teve gestos mais duces, sorrisos mais eloquentes, attitudes mais cheias de arte.

Era um gosto vel-o representar n'uma lingua que não era a sua, ao lado de uma actriz aclamada, que n'uma personagem difficil se excedea a si propria, como se a convulsionassem e aquecessem os fulgores de uma arte elevada e pura, revelada no talento de um artista que não conhecia, arte culta, aprimorada, subtil, que pelo imprevisto, devia ser para o seu espirito delicado mais que uma surpresa, um encanto.

E os applausos rebentaram unanimes, como se por cada um de nós se repartisse um bocado da gloria que elle vinha de conquistar. Não tinham conto as chamadas; o rei, as duas rainhas e o infante eram os primeiros a aclamar o artista e o compatriota, e sentia-se que a necessidade da gentileza e da deferencia era tão imperiosa, que impedia o publico de o chamar isoladamente, para lhe agradecer o bom serviço que acabava de prestar lhe, e o tolia a elle de voltar ao palco sem trazer consigo a actriz que se despedia n'uma noite de gloria para ella, porque acabava de revelar-nos na Sapho o seu mais bello trabalho.

Meia hora depois, retinindo-nos ainda ao ouvido as ultimas palmas, e vendo apagar as luminarias do historico palacio do conde de Almada, ligámos ideias dispersas, e concluimos que em 1640 não tivemos afinal mais sorte do que em 1899. Então vingamo-nos dos Hespanhoes por meio da Restauração. Hoje desforramo-nos dos Francezes por meio da Arte. Tudo é patriotismo.

Brasil-Portugal.



BRAGANÇA



O castello, segundo um croquis de Carlos Pessanha

RÉJANE



meu amigo visconde de Westheimer proporcionou-me um dia o ineffavel prazer de almoçar no seu bello palacê de Passy, em companhia de Marguerite Roland.

Era no mez de Junho e por uma d'aquellas encantadoras manhãs, em que uma alta e ligeira neblina, tão fina e diaphana como um véo de gaze, deixando

passar o sol, dá ao céu de Paris a côr suave de uma opala. A meza tinha sido posta no terraço, sob um toldo de linho branco guarnecido com uma franja de renda. Em frente do terraço, estendia-se até ás fortificações da cidade o parque, um soberbo parque á inglaterra, com as ruas recortadas caprichosamente por entre o fresco velludo da relva e abrigadas pela sombra magestosa de velhos carvalhos e platanos. Não podia haver mais delicioso almôço do que aquelle, longe do ruido confuso dos boulevards, com delicadas manjares que rivalisavam com os melhores do Paillard, tendo ao lado um amigo e em frente uma das mais espirituosas e intelligentes atrizes de Paris. Eu tinha conhecido Marguerite Roland em Lisboa, quando representou no theatro de D. Amelia. Recordei ali o encanto do publico, ao vê-la nos *Amants*, de Donnay, no *Monsieur le Directeur* e em outras peças do moderno repertorio francez. Falava depois dos theatros de Paris que eu então tinha visto, a *Comédie française*, o *Odéon*, o *Gymnase*, o *Palais Royal*, quando Roland me interrompeu, perguntando-me se ainda não tinha ido ao *Vaudeville*.

— Ha tres dias que procuro ir, mas ainda não pude alcançar bilhete.

— Não saia de Paris — disse-me ella — sem vêr a Réjane na *Zaça*. E um peccado mortal não a vêr.

E entusiasmado-se nos elogios que ia fazendo, terminou Marguerite Roland por me declarar que o seu ideal de artista seria representar assim!

No dia seguinte consegui bilhete para assistir á representação da *Zaça*. Dos trescentos mil habitantes, que tem Lisboa, estou convencido de que só vinte gosaram já o prazer de vêr Réjane. A esse ditoso numero pertenco eu. E confesso que foi uma das mais profundas e mais perduraveis impressões de arte que tenho sentido na vida. Não faço, nem sei como se podem fazer confrontos entre as grandes artistas do theatro, aquellas que teem verdadeira individualidade, pois que é justamente no facto de serem inconfundiveis que reside o valor e o prestigio do seu talento. Das tres grandes artistas modernas, Sarah Bernhardt, Duse e Réjane, é Sarah a que, até hoje, mais tenho admirado, e é Réjane a que mais me tem commovido. E um verdadeiro deslumbramento para os olhos assistir, por exemplo, á representação da *Phedra*, seguindo e admirando extasiado a belleza das attitudes, que o theatro classico exige, e em que a artista, no mais simples dos seus gestos, no mais ligeiro movimento que imprime ás roupagens, tem de respeitar e de reproduzir a correccão e a harmonia das linhas, que as regras da esculptura impõem rigorosamente ao escôpro do estatuário.

Na representação d'estas personagens ninguem excede, nem sequer eguala Sarah Bernhardt. Tudo na sua figura concorre para isso: as proporções da estatura, a elegancia

do busto, a pureza do perfil, que, como o de Heien, no dizer de Gautier, attingiria a correccão grega, se não fosse a ligeira curva hebraica do nariz.

Réjane não tentaria nunca representar qualquer d'esses papeis, que, como a *Phedra*, a *Medea*, a *Judith*, a *Cornelia*, a *Samaritana*, requerem convencionaes proporções de plastica, que nem os mais subteis artificios de caracterisação conseguem substituir. A sua figura tem outros encantos. Deviam ser assim as lindas e galantes marquezas da côrte de Luiz XV, que Watteau admirava nos jardins de Trianon, e que o seu gracioso pincel reproduziu, quasi nuas e tocadas de rosas, levadas na galera do Amor para os deliciosos bosques de Cythera.

E no theatro moderno, em que a luta dos sentimentos se representa tal qual se observa na realidade da vida, figurando n'ella os individuos com que todos os dias nos encontramos, é no theatro moderno que o genio dramatico de Réjane se revela em toda a sua plenitude. Então, na interpretação d'esses papeis, com que prodigioso talento ella consegue occultar o artificio, dando-nos a expressião rigorosa da verdade! Nunca nenhuma artista das que até hoje tenho visto exerceu na minha sensibilidade a impressião profunda que n'ella produziu Réjane, representando a *Zaça*. Porque, por mais primoroso que seja o trabalho artistico das outras, em nenhuma deixei de vêr a comediante em meio da ficção da scena. Com Réjane não succedeu assim. No terceiro acto da *Zaça*, quando a audaz libertina se sensibilisa até á ternura, ouvindo as palavras carinhosas e meigas de uma criança, e o seu peito estremece de vergonha e de dôr, e a fala se lhe embarga pela commoção e pelo arrependimento, tudo aquillo me pareceu, n'um momento, a verdade, a pura verdade, a verdade real, — a expressião atormentada da sua physionomia, o tremôr convulsivo dos seus labios, o arfar angustioso do seu peito. Abstrahi inconscientemente das illusões do theatro, vi-me transportado á realidade da existencia, e a scena pungente a que assistia fez-me chorar. E foi então que avalei o prodigioso trabalho e o privilegiado talento da actriz, que assim consegue representar, com tanto relevo, o natural, o natural estudado — como diz Houssaye — que é o ideal do theatro, porque é o estudo que lhe dá a luz, a força e a graça.

E é assim que ella triumphá, transportando para a scena toda a sua paixão, espalhando a sua alma pela alma dos espectadores, fazendo que ás pulsações do seu coração correspondam mil pulsações, e que, durante duas horas, todos os que a vêem se sintam dominados pelos estos do seu amor, pela ternura da sua piedade, pelas effusões da sua alegria e pela magua das suas tristezas.

Fôra do theatro, a sua vida decorre tão serena, que já-mais offerecera assumpto para um romance. Não teve, como Adrienne Lecouvreur, como Duclos, como Raisin, nem as preciosas joias do Delfim, nem os apaixonados madraigas de Voltaire, nem as flores do Marechal de Saxe.

«Nenhuma preocupação artistica — affirmá um dos seus biographos — a desviou nunca dos seus deveres de mãe.»

Uma vez, um soberano estrangeiro de passagem em Paris, tendo assistido, no Gymnase, ao espectáculo, em que entravam Rose-Chéri, Desirée e Melcy, dirigiu-se ao empresario, e felicitou-o por ter ali reunidas as tres mais formosas atrizes francezas.

— E saiba Vossa Magestade — observou intencionalmente Montigny — que nenhuma d'ellas tem carruagem!

Madame Réjane tambem não tem.

ALBERTO BRAGA.

GABRIELLA RÉJANE



Réjane

exito e que mais depressa a conduzem ao triumpho. O typo de Gabriella Réjane é pelos modos o da parisiense legitima... por conta do lavrador. E digo pelos modos, porque n'uma duzia de photographias em que esteja differentemente enrajada, apenas se nota uma vaga semelhança... como que de familia. Mesmo um d'esses retratos, que por ahí está em numerosa copia pelos mostradores das lojas, desconfio que se parece mais com a *Duse*... do que com a propria Réjane... e outro ha em que o seu olhar tão melancolicamente parisiense parece nublado por uma gotta de *spleen* britannico... dir-se-hia uma ingleza... com pena de não ser franceza...



Réjane na Zaza

GABRIELLA RÉJANE-POREL nasceu em 1857 e chamou-se Gabriella Rejó. Estão todos vendo uma troca felicissima de nomes, pois que seria detestavel termos que dizer hoje em vez de — a Réjane, la Réjane — a Rejó, la Rejó! Pareceria uma alcunha.

E' uma figura complexa d'artista, que todas as illustrações apresentam pousando bem nos seus costumes de theatro, e pousando melhor no ninho do seu lar, entre dois filhitos que sorriem com o mesmo olhar entre malicioso e suave da mamã.

Como artista domina o publico sem nome, como mulher protege os infelizes sem número.

Ao que parece teve tambem o seu mau tempo — *les tribulations d'antan* — que lhe dissolveram a amargura que quasi sempre fica da misera lucta, e lh'a dissolveram n'uma bondade sem limites.

Artista infeliz — e ha-os aos centos n'essa capital franceza da arte — de tal modo a encontra dadivosa que se o agrado publico e a arte de representar fosse coisa transmissivel como uma nota de 1.000 francos... de ha muito a Réjane seria apenas... uma fabrica de estrellas de theatro!

Diz um dos seus biographos que o conservatorio lhe deu apenas um 2.º premio... por não ter o *nariz grego*...

E succede depois que é precisamente essa falta de nariz grego uma das causas mais predominantes do seu ingeiza... com pena de não ser franceza...

Ha pois n'essa creatura uma mobilidade unica de physionomia, uma facilidade estranha de movimentos, qualquer cousa de passarinho bulhoso que fez com que alguém já lhe chamasse... *pardal gaulez*.

E é esse ar irrequieto que faz explicar a Henry Lavedan como ella sabe e consegue completar para o publico a idéa do auctor da peça que representa. Diz Lavedan:

«Para interpretação completa de certos personagens catitas, occos, fatuos e de modesta psychologia, tem — a espectralhona! — um systema, um modo de fazer muito seu e que me parece ter adivinhado; eis porque não resisto ao prazer de divulgar aqui tão original *truc*. Consiste a coisa n'isto: elucidar ou produzir na platéa uma determinada corrente, com uma especie de mimica, um pequeno movimento de corpo, um gesto, uma piscadella d'olho, uma maneira muito silenciosa de... sem dizer coisa nenhuma, significar qualquer coisa, *voltar* o publico como quem volta uma carta, obrigando-o a tomar a serio episodios que iriam fazer rir por exagero dramático, ou provocando uma gargalhada no preciso momento em que a emoção da pura comedia ia, ultrapassando os seus direitos, entristecer. Não sei se me expliquei bem? Está por exemplo uma pessoa prestes a divertir-se, como que tomada d'uma alegria muito folgasa... e uma gravidade inesperada de Réjane suspende esse bem estar e como que diz: — Ha alli coração... n'aquelles bonecos... hein! São homens — meus amigos — e aquillo tinha que acontecer.

Em circumstancias oppostas, começa uma pessoa a dar muita attenção ao drama, entra' a vista de se aguar... contrascena identica de Réjane, d'esta vez com ar travesso, como quem insinua entre duas replicas:

— Cá está tambem a lagrima ao canto do olho... Mas nada de medo, rapazes... Tudo isto é peta... Estas coisas nunca se passaram... assim!

Nas innumerables referencias feitas a Réjane desde a *Ma camarade* no Vaudeville em 1883 até á *Zaza* em 98, ha em todos os seus panegyristas o enthusiasmo pela mulher parisiense, que ella encarna parece que refinadamente. Admiram-lhe a malicia e o sentimento, o capricho, a paixão, o espirito, a travessura, a tristeza que faz pensar, a elegancia que encanta. E parece que synthetizam todo o seu feitio n'este lemma



RÉJANE

applicavel de resto ao maneirismo de toda a mulher illustrada e intelligente de Paris: *faz soffrer e faz sentir!* Essa franceza enthusiasma e arrebatada os francezes quando apparece de *citoyenne* da Revolução, e lhes dá soberbamente a celebre *Madame-Sans-Gêne* — concentra-se na sua intimidade crua e sentimental quando lhes mostra a *Germinie-Lacerteux* — e dá-lhes a volubildade e o amor quando na *Zaza* ou na *Douloureux*.

E' tão multiplo é o seu jogo passional que esta *Zaza* que vamos ver como uma das suas corbas é, por informação do critico *Louis Schneider*, peça feita propositadamente para viver dos recursos da Réjane. Que de resto são vulgares certos productos theatraes que assim vivem... á custa de mulheres! Talvez haja crueldade na apreciação d'este *Schneider*, mas ella ahí fica, por espirituosa, para quem ainda a não conheça:

«A *Zaza* é a reedição do *Panorama do Baschet*.

«... Qu'en un jour de génie.

Inventa de messieurs Baschet la librairie».

«Só custa 60 centimos cada fasciculo e dá-nos: Réjane a rir; Réjane a chorar; Réjane a amar; Réjane a odiar; Réjane... *au petit beuglant* de provincia, Réjane *au grand-music-Hall* de Paris. E esta *bouille-à-baisse* de todas as areas favoritas da diva obteve um grandioso successo»

Iremos provar... pois que não deve ser das peiores coizas.

Zaza é uma estrella de café concerto de provincia que se enamora d'um parisiense. Por espezteza ou receio, o feliz, vae representando multissimo bem de desdenhoso, a ponto da mulher no fim do primeiro acto lhe illustrar com um beijo na nuca (d'elle) o texto d'uma declaraçõisita d'amor E o idyllio começa.

Acontece ter a Zaza tido outro amor com um camarada comico, e estarem ao tempo taes relações transmutadas n'uma amizade socegada de collegas.

Succede tambem que o seu bello amante de agora se ausenta a miudo para Paris com o pretexto de negocios e lhe annuncia até um dia uma partida para a America que naturalmente os separará por muito tempo... Mas é declaração accidental, como um preparo... E o que mais a impressiona é o amiuadado de taes viagens. E de tal forma que certo dia na gare do caminho de ferro onde mais uma vez foi acompanhar o amante, encontra o camarada comico, abre-se confidencialmente com elle, não resiste a estranhar as ausencias do seu querido, e o comico — catrapuz! — revela-lhe que se tantas vezes o seu amor vae a Paris... é porque lá tem a mulher e os filhios! E o ciume... acende-se...

Parte de seguida a desesperada para Paris, procura o amante, descobre-lhe a casa, pergunta por elle — não está! — entra, espera. E espera, sem ter duvida nenhuma em provocar um escandalo com a esposa — abre-se porém a porta da sala em que está esperando e entra uma creança. Zaza interroga a creança — e a creança com a ingenuidade que lhe é propria certifica-a do drama! A creança é filha legitima do seu amante!

Volta Zaza á terreola. O amante tambem, mas sem saber da recente digressão tempestuosa. Zaza a principio dissimula mas por fim não resiste e conta-lhe o que fez... no acto antecedente. Então o amante encolerisa-se: Com que direito a amante lhe violou o lar? E Zaza mais o irrita: Que até disse á mulher ser a amante d'elle! — E a irritação vae a tal ponto que o homem vae bater-lhe.

Veio a comprehensão de tudo com a brutalidade do gesto. O amante... era só um bom marido. Que vá... p'rá America... que já não deixa saudades... e que não volte mais.

Mas no quinto acto volta tal quando já Zaza impera em Paris. Um dia accorre como toda gente á sua fama. Vê-a e então o coração recorda-se e accorda... Encontram-se, falam-se, conversam e separam-se... como dois indifferentes... As angustias antigas tinham petrificado em tristeza... o seu velho sentir.

E noto que nem uma palavra ha de duvida ou de reparo sobre o seu trabalho, nas criticas de peças que tenha representado. E' uma consagrada e é uma respeitada. Não deve esta artista pois ter inimigos. E é mais que certo não os ter tambem esta mulher.

Na intimidade é uma simples e é uma boa. Dos dois filhitos, de que correm já anedoctas de intelligente precocidade, diz ella: «serem antes da *Madame-Sans-Gêne*, as suas mais importantes e encantadoras creações». E já a pequenita lhe vai imitando comicamente os gestos e os dizeres, no dia seguinte a ter visto no theatro a mãe representar.

E enquanto ao seu valor comparativo agora que tres estrellas riscaram com a sua orbita de otro (em cedulas?) o nosso firmamento... que tão cheio de luar é que não consente que vejamos as estrellas cá do sitio... agora que essas estrellas se sumiram, e ha outras acima d'outros horizontes de que as gazetas nunca largam o rasto clamoroso, enquanto ao seu valor comparativo talvez o leitor queira que alguma coisa se aponte.

Pois não se aponta nada. Ouve-se dizer em relatividade de tamanho que da mesma grandeza só duas estrellas mais ha. E logo se deduz serem a Sarah e a Duse — mas em tamanho, diz Lavedan, que não em superioridade. A Réjane... é a Réjane.

Não houve outra Réjane antes d'ella... nem parece que haverá outra depois... Que afinal esta conclusão pôde applicar-se a toda a gente mesmo não sendo parisiense... e até tendo o nariz grego.



Réjane na Zaza



Réjane no 1.º acto da *M.ª Sans-Gêne*

Adolpho Frederico Howand

Consul inglez em Pernambuco



O *Brasil-Portugal* não se honra apenas publicando nas suas columnas os retratos dos portugueses e brasileiros que por qualquer modo se tornem dignos da admiração e deferencia dos seus contemporaneos, e credores das homenagens da nossa Revista.

Honra-se tambem prestando homenagem aos meritos de todo aquelle que, seja qual fôr a nacionalidade a que pertença, se tenha tornado saliente pelas suas qualidades ou pelos seus serviços.

N'este caso está o sr. Adolpho Frederico Howand, consul de Sua Magestade Britannica, em Pernambuco.

Filho de uma nação de ha muito alliada de Portugal e do Brasil, o sr. Adolpho Frederico Howand tem por tantos modos mostrado quanta affeição lhe merecem os cidadãos das duas nações; tem por tal forma manifestado a sua especial deferencia pela colonia portugueza em Pernambuco, que, quanto mais não fosse que por gratidão, o *Brasil-Portugal* cumpriria um dever publicando nas suas columnas o retrato do illustre consul inglez, como modesta homenagem ao grande amigo dos portuguezes.

Mas o sr. Howand, se pelos serviços prestados á colonia portugueza de Pernambuco, se pelas provas inequivocas de amizade prestadas a Portugal, quando o cruzador *Adamastor* foi em missão do governo portuguez áquellas paragens, se por estes motivos se tornou credor da nossa gratidão, pelas suas superiores qualidades intellectuaes, pelas suas excepçoes faculdades de trabalho, e pelos seus preciosos conhecimentos scientificos, geographicos principalmente — torna-se digno da mais profunda admiração e deferencia.

Na sua carreira consular teve bastas occasiões de mostrar quanto valiam as suas excepçoes qualidades e o seu profundo bom-senso. Exercendo as funções de consul em Guatemala, foi transferido para o Chili onde, por occasião do conflicto Balmaceda, soube tão habilmente cumprir a sua missão que evitou o rompimento imminente dos governos chileno e inglez.

Por essa occasião recebeu do seu governo os mais lisongeiros elogios pelo seu tacto politico. Pouco depois recebia da Real Sociedade Geographica de Londres o diploma de *peleu*, pelas notáveis memorias que apresentára aquella Sociedade.

Não é em meia duzia de linhas que se pode contar a honrosa vida do illustre consul britannico, mas em meia duzia de palavras se pode dizer que, pela sua intelligencia superior, pelos seus trabalhos scientificos, o sr. Howand merece a nossa mais entusiastica admiração, e que pelos serviços prestados á colonia portugueza, e pelas provas de amizade que sempre dispensou a Portugal, se torna credor da gratidão de todos os portuguezes.



PERNAMBUCO — Praça da Republica



À menina

Eugenia de Castello Branco (Bellas)

De bommente te offereço
Meu pequeno coração
(EUGENIA DE CASTELLO BRANCO).

Teu coração é tenrinho
E posto no seu lugar,
Passarito preso ao ninho
Quer, mas não pode voar.

Tem ancias de liberdade
E a nostalgia do ar,
E a cada illusão que o invade
Quer, mas não pode cantar.

Ha-de vir um dia cedo
E adeus familia! Adeus lar!
Terá voz, não terá medo
Para cantar e voar.

Virá outro passarito
Que o ha-de desafiar,
Mostrar-lhe o espaço infinito...
E adeus familia! Adeus lar!

E irão os dois, que alegria,
Voando e cantando a par
O amor, a graça, a poesia
Que enche a terra, o ceu e o mar

Tu dás-me o teu coração
E eu não t'ó quero acceptar;
Será para esse ladrão
Que ha-de vir para o roubar.

Figueira, Setembro de 99.

MACEDO PAPANÇA.

(Conde de Momaraz)

Contos Pequenos

I

Não era loira, a viscondessa.
Tinha uns olhos verdes, que as proprias
esmeraldas do Leitão desmaiavam de inveja, se
a viam passar no Chiado, aninhada ao fundo do
seu caleche, junto do espadadoo marido.

Mal empregados os seus olhos-esmeraldas que ella por
vezes deixava engastar nos beijos grossos do visconde — um
respeitavel visconde de carnes flaccidas que o sol de cin-
coenta estios salpicara de rugas!

Um festão de hera ao pé d'um tronco gretado de oli-
veira: um lyrio á beira de um charco... Patife!

II

Séria, virtuosa, boa... não havia outra como ella.
E feliz? Oh! a viscondessa devia ser muito feliz! Tinha
tudo: fortuna, consideração, commodidades, um bello pala-
cete, quinta em Cintra, assignatura na Opera, e nem um
filho...

III

Não obstante a viscondessa, que não era loira, tinha no
seu olhar mal velado um não sei quê d'essa vaga melancholia

doce nas mulheres do norte, e os labios haviam perdido já
o habito de sorrir.

Porque?... Saudades?...

Saudades sim: saudades por primaveras passadas sobre
a primavera das suas illusões e que não voltariam nunca
mais.

Que pena!

IV

Era ella então um lyrio mal aberto, toda perfumes e
crenças e desejos e aneios. E agora... Destino injusto!
A Egreja cerrara bruscamente a sua alma sonhadora, cer-
rando para sempre aquelle livro predilecto de velhas caval-
larias que ella devorava ás noites e horas serenas das tar-
des, com o olhar humido de vagas commoções.

Como era bom sonhar reclinada na ventana do seu velho
solar, ouvindo o coaxar das rãs no largo do parque, e sen-
tindo como que uns sons magicos de alaúde tangido no si-
lencio da natureza quieta pela mão invisivel de apaixonado
pagem — entrevisto e phantasiado em paginas luminosas e
que uma madrugada veio despertal-a da sua *rêverie*, na
pessoa do filho do rendeiro.

E era tão baixa a ventana do seu velho solar, e tão sua-
ves as estrophes segredadas ás estrellas que esmoreciam!

V

As esmeraldas do Leitão desmaiavam de inveja ao pé
dos seus olhos velados em que havia um não sei quê de
triste e doce.

LORIÓ TAVARES.



Rui Barbosa
Rio de Janeiro



José Dias Ferreira
Lisboa

A borracha ou gomma elastica (1)

III

A borracha preparada, como disse no precedente artigo, é apresentada ao commercio em Manaus ou no Pará, variando o seu preço em virtude não só de ser ella fabricada mais ou menos cuidadosamente e portanto classificada como fina, entre-fina ou sernamby, mas ainda de não ter sido falsificada, pois que durante muito tempo os seringueiros para augmentar a quantidade do producto que traziam ao mercado juntavam ao leite, que tiravam das heveas, as seivas de outras arvores, como o Anay e Amapá, que no aspecto são identicas mas que depois de coaguladas não offerecem as mesmas qualidades, especialmente quanto á elasticidade.

Mesmo entre as heveas algumas ha improprias para a producção da gomma elastica como acontece com a chamada *seringueira barriguda*, de que já falei no meu primeiro artigo.

Contra a fraude usam os compradores, para a conhecer, cortar com um profundo golpe os pedacos de borracha de modo a ver se em toda a sua espessura ella é uniforme nas camadas que a formam.

Ainda influe sobre o preço o ser a borracha fabricada ha mais ou menos tempo, e a razão d'isto é a seguinte: quando a seiva é coagulada conserva em si uma grande porção de agua de vegetação, a qual depois vai apparecendo á superficie, perdendo a borracha uma parte do seu peso que as vezes vai a 8 e 10 por cento; é evidente que isto deve influir no preço que ella obtin no mercado.

Além d'esta qualidade de borracha que é obtida no valle amazonico, ainda nos mercados nos apresentam sob o mesmo nome outros productos, taes como a chamada borracha do Ceara ou Mannicoba, que é proveniente da *Jatropha gillsonii*, planta que em nada se assemelha ás heveas amazonicas. Este producto é accetio, acha compra nos mer-

cados e é equiparado á borracha de terceira qualidade ou sernamby.

Ainda se apresenta um outro producto da arvore chamada Mangabeira que abunda no Pará, em Maranhão, Pernambuco e outros Estados do Brasil. Os especimenes apresentados na exposição de Chicago (1893), provenientes do Maranhão, mereceram que fossem classificados pelas commissões como gomma-elastica de primeira qualidade. Na data d'aquella exposição, esta qualidade de gomma era apresentada mais como objecto de curiosidade do que como producto commercial, e a elevação porém que, continuamente tem ido estas gommás na industria tem feito que nos Estados do Brasil, em que esta arvore é abundante, comecem a explorar a e a apresentar-a ao commercio com bom resultado.

A extracção da borracha que tenho descrito parecerá, a quem ler estes meus artigos, extremamente facil; entretanto ella offerece não pequenas difficuldades.

Encontrando-se a grande maioria dos seringaes em terrenos baixos e alagados, a primeira difficuldade que encontra o seringueiro é o ser atacado pelas febres intermitentes tão communs aos logares humidos. Acompanha este primeiro inconveniente, a que podemos chamar antes perigo, a má alimentacção de que pode dispor tendo de fabricar o producto no meio das matlas, ás vezes a grande distancia dos rios onde tem os seus armazens e depositos os negociantes por conta de quem trabalham ou a quem vão vender o producto fabricado.

As pequenas casas em que se recolhem, feitas de palha e má abrigadas, ainda veem accrescer os elementos contrarios á boa saúde dos que se empregam neste duro mister, e não poucos a quem o interesse aconselha, meo doentes a continuar, são victimas da sua ambição.

Estas difficuldades na exploracção, o ter ella de ser feita em extensos tratos de terrenos, as luctas sobre posses de terreços ás vezes decididas a tiro, as difficuldades de administrar umas 200 a 300 pessoas disseminadas por grandes distancias, tem mostrado que haveria uma grande vantagem em tornar a extracção da borracha em uma cultura regular, deixando de ser nomada pelo plantio em terrenos adequados.

A primeira ideia de reduzir a extracção da gomma elastica a uma cultura regular foi devida no Pará a Joaquim Antonio da Silva, cidadão portuguez naturalisado brasileiro, o qual ha mais de 40 annos em testamento determinou que, para os seus herdeiros entrarem no gozo da sua rica herança, lhes impunha a condição de fazerem uma plantação de 15 mil pés de seringueiro em cada um dos grandes tratos de terreno que possuia na margem do rio Guaná, e em Obidos, no Paizão-Amazonas. Os herdeiros nunca cumpriram rigorosamente esta clausula, talvez nem a 4.000 plantas em cada terreno chegasse a plantação feita, e creio que d'ella pouco cuidaram depois de modo que este numero ainda decresceu; entretanto, hoje d'essas 4 ou 6 mil arvores plantadas ainda tiram um pingue rendimento.

O engenheiro João da Silva Coutinho, em uma memoria sobre este assumpto publicada, mostrou que em um terreno de uma legua em quadrado, dando um terço de espaço como inutil em parte, ou empregado em edificações, ou plantações hortícolas, ficava ainda espaço para serem plantadas 375.000 arvores e ainda sendo saugradas somente de 3 em 3 annos, esta do seu producto, deduzido o pagamento de jornaes e comediações a 150 trabalhadores, e os juros de uma somma elevada gasta em edificações taes como: para residencia, hospital, armazens, barcos, boies e duas lanchas a vapor, seria de milhares de contos por anno; ora este estudo, como disse, foi feito por um engenheiro, J. da Silva Coutinho, que viveu lá, percorreu e estudou o Amazonas por muitos annos, e era grande conhecedor de todas as suas riquezas.

Este estudo e o facto que apontei mostram que o verdadeiro caminho a tomar n'este assumpto consiste em fazer plantações regulares de seringueiros. Aos governos dos Estados compete, dando premios por cada plantação de mil pés, animar os que a quizerem fazer, compensando o juro do dinheiro que empregarem, pois que as seringueiras só podem comecar a ser exploradas quando costam 15 annos.

Felizmente, no Rio de Janeiro já comeca a haver plantações regulares.

(1) V. em n.º 1 e 2 do *Brasil-Futuro*.



Dr. Camara Pestana

FRANZINO e lesto, larga e bella a fronte, tismada a pelle de mauritano, profundo e manso o olhar, modesta a compostura, estou a vê-lo nas multífaras situações da sua insana labuta. E foi sempre assim.

Atrastava eu as forças caudinas da Physiologia e da Anatomia, cadeiras mal afamadas da nossa escola, quando Luiz fechava o curso defendendo these sobre o microbio do carcinoma, primicias de suas investigações bacteriológicas

Lembro-me bem do respeito quasi supersticioso de caloiro com que, já então, ouvia as elogiosas e estarcidas informações de sua porliada applicação e triumphos, das suas vigílias no laboratorio por elle inventado n'uma barraca da cerca hospitalar, com manhosa estufa e microscópio barato.

E o certo é que, aos olhos dos camaradas, Luiz sahia da Escola já fadado para altos destinos.

Por bocca d'elles, a fama correu nos cursos escolares, de tal forma que, logo depois, aberta uma vaga de lente, forte corrente de opinião o indigitava como candidato. Não appareceu pelo natural e simples motivo de não se julgar habilitado.

Aculeado por difficuldades financeiras, tomou pela vida clinica; e, no consultorio que teve de parceria com amigos, lá encantou com pesado sacrificio um laboratorio onde solfregamente empregava todas as horas disponiveis.

Apertados lhe foram esses tempos e tanto que, contrariando as naturaes aptidões, concorreu ao logar de cirurgião do banco, d'onde advinha a vantagem immediata de lucros, formidaveis para o momento — vinte e poucos mil réis por mez.

Estavam as cousas n'este pé, quando Koch atordoava o mundo com a miragem de decisivo triumpho sobre o mortifero bacillo da tuberculose.

Mestres que o não esqueciam, ventilada a oportunidade de alguém ir lá fora estudar o assumpto, apontaram o moço estudioso; e eis que, a subitas, Luiz colhe o mais justo e appetecivel premio de suas canceiras e vigílias, partindo para Paris a tubular a tuberculina de Koch e a bacteriologia em geral.

Que saudosa recordação me evoca essa partida! Repõe-me num janar intimo de despedida, bohemio e turbulento.

Por lá esteve e respeitavel era já, ao tempo, a competencia des-

acompanhadamente ganha, pois que Strauss quiz que fosse lido á Sociedade de Biologia o seu trabalho sobre a diffusão da toxina tetanica.

De volta, o conselho escolar arranjou modo de o fazer preparador de Physiologia e ahi nos reapareceu escassez da remuneração com o prazer que taes trabalhos lhe faziam.

Por esse tempo, reconhecido como grave e urgente problema, na hygiene da capital, a analyse das aguas, foi Luiz encarregado d'esse estudo. Começado no Laboratorio Municipal, foi ao depois continuado junto do Hospital, na mesma casa onde mezes depois seria antolhado o Instituto.

No entretanto, apparecida a vaccinação anti-rabica, antolhou-se economico montar, de portas a dentro, um serviço que evitasse a dispendiosa romaria de mordidos ao Instituto francez.

Sousa Martins, ouvido sobre o caso, apontou o discipulo distincto para o encargo de dirigir o novo estabelecimento.

Mais tarde Behring proclamava a importante descoberta do séro anti diptherico e, sob a iniciativa de S. M. a Rainha, foram alargados os seus serviços e dotações, com a fundação do serviço da diptheria.

A vida de Luiz é, desde essa epocha, a vida do Instituto.

Timbrando em lhe manter a mais absoluta leição nacional, juntou a si dois discipulos, e educou todo um pessoal menor nos multiplos trabalhos de um laboratorio de tal natureza.

Em mais farto meio, com mais nutridos recursos, continuou Luiz trabalhando alicadamente; já montando perfeitos os serviços da raiva e da diptheria; já inspirando e dirigindo varias theses inauguraes; já, enfim, mantendo o Instituto em alta cotação, sempre que era chamado a depór em quaesquer excepçoes circumstancias da saude publica.

Haja vista a celebre epidemia de Lisboa em 94. Ainda Beisser não houvera annunciado a sua reacção diagnostica do vibrião cholericico quando isolava aqui, nas fezes dos doentes, um microbio que d'elle se dava arcs. Após tormentosos dias de duvida e de desabaladas canceiras, soffrendo mesmo a imputação maculante de infconfessaveis motivos, Luiz arrostou com a opinião emanada das mais respeitaveis auctoridades, perfilhada pela

classe em peso e, corajoso, negou a natureza do vibrião que ora está definitivamente catalogado áparte do gangetico. Rompia assim do nosso paiz o estudo dos simicholericos em que se entronca tambem o dos simityphicos.

Em fins de 97 dava a lume o seu livro magistral sobre sorotherapia com que se apresentou no concurso ao magisterio superior.

Tão recolhida foi sempre a vida de Luiz que, por essa epocha,



DR. CAMARA PESTANA

muita gente estranhou o facto de concorrer sem competidores. Na verdade, faltava-lhe uma loquella facil e imaginosa com que dominasse os que com elle não praticavam de perto; muito ao contrario, a exposiçào laboriosa, telegraphica, e manchada fortemente do resabo ilheu, não deixava transparecer, ao primeiro exame, o largo cabedal de conhecimentos, e a bem lançada orientação do seu espirito.

De seu natural mesmo, calado e meditativo, só de poucos era com justiça avaliado.

As exigencias do magisterio iam marcar na sua vida uma nova phase, a de nymphã, já que a primeira bem se apparenta com a de crystalida.

Observador attento e miudo, preso na analyse severa do concreto, passava aguerrido e bem armado agora á synthese valiosa, que já na sua



Dr. Annibal Beitencourt,
actual director do Instituto Bacteriologico

namente portuguez, levantar no mundo scientifico a cotação da sciencia nacional.

Urgia manter e levantar perante as aggrmções scientificas os creditos do instituto de Lisboa, lançando á circulaçào um trabalho respeitavel sobre a epidemia.

Urgia lá mesmo, no momento, aguentar-se na brecha, impondo-se pela sua incansavel energia, na pratica das experiencias de laboratorio, na execuçào de todos os processos semioticos, na pesquisa emfim dos ensinamentos das necropses. Foi assim que, terminado o mandato da primeira commissào, lá se ficou encarregado do estudo de sóros e vaccinas.

O sonho dilatou-se-lhe e, á volta do Porto, era seu fito publicar uma monographia completa sobre a doença.

E era de ver com que immarcessivel alegria chegou aqui e logo no dia seguinte poz mãos á obra.

Ninguém ao vê-lo na manhã desse dia memoravel poderia supprir que elle trouxesse consigo, assolapado e recondito, o temeroso laccillo. Infelizmente lá vinha no seu corpo debil e extenuado e, pela tarde, rasgava as hostilidades, revelando desde logo uma sanha descaimada que poz em todos nós, mais que nelle, o rebate de perigosissima lucta.

Com varia fortuna arrastou no hospital tres longos dias até que, pelas 7 horas da tarde de 15 de Novembro se soverteram de vez as esperanças de o salvarmos. E soverteram-se as suas proprias que elle bem

sabia o prognostico fatal dos infarctos pulmonares, e a significação diagnostica da expectoraçào hemoptoica.

Envolvem-me nimbos de tristeza as recordações dessas horas tragicas.

Luiz que vida em fóra, simples e modesto, viera, tenaz mineiro, caboucando a esphyngue do ignoto, attinge a meus



O dr. Salimbeni,
delegado do Instituto Pasteur



Dr. Rezende, do Inst. Bact.

de Luiz quando no Porto pousou a peste levantina. O governo esqueceu-se do Instituto, unico estabelecimento do paiz em cujo regulamento figura o encargo de estudar todas as epidemias no reino, e Luiz debatia-se entre as quatro paredes do seu laboratorio, ansioso de partir.

Ricardo Jorge envia-lhe particularmente peças de estudo e chegam ao ministerio, abraçados na affirmaçào categorica da natureza pestosa do *andago*, os relatorios dos dois homens de sciencia.

Peripecias pouco edificantes de um conflicto que a desconfiança ministerial creou levaram Luiz a pedir a demissào.

these de concurso se depara. Obrigado a falar na cathedra, a lingua-gem ia-se aprimorando e em breve seria completa a sua envergadura de sabio.

Na curta regencia da cadeira de Hygiene produziu uma valiosa monographia sobre as aguas de Lisboa; na de Anatomia Pathologica deu ao curso larga e proveitosa feiçào pratica.

Tal era, a rapidissimos traços, a carreira



Dr. França, do Inst. Bact.

Para honra do ministro porem não lhe foi dada, antes, era nomeado membro da chamada commissào de Lisboa e lá se partiu enfim para o Porto.

Ahi encontrou as varias missões estrangeiras laborando e logo viu a absoluta e inadiavel necessidade de, num trabalho genui-

olhos agora a grandeza epopeica dos justos. A ancia de saber em ardenscias de fe foi-lhe o fanal da vida; á consciencia do dever honestamente cumprido se amparou na morte.

Tudo quanto pode levedar maguas, na hora amarga da ultima despedida, se ajuntou sobre elle em torvo conuhio.

Aspirações deceppadas na mais brilhante



Dr. Moraes Sarmento, do Inst. Bact.



Casa do Campo de Sant'Anna, onde morava o dr. Pestana



Hospital d'Arroyos (onde falleceu o dr. Pestana)



A sepultura antes da chegada do cortejo

floração... baqueiava sem vêr o seu querido Instituto, dilatado em magnificas installações, rasgar uma nova phase de brilhante labor.

Anceios aviventados dia a dia, promptos a desabrochar... ali se anniquilava largando das mãos a obra preciosa em que o seu engenho avicava já harmoniosos traços.

Saudades da familia estremecida... ali as curtia alanceado, n'uma resignada obediencia ao crudelissimo dever de arredar d'ella a perigosa opportunidade de um contagio.

Cyreneu da sua cruz, velava eu sóinho junto d'elle quando, recebendo reiteradas instancias do lacrimoso irmão, lhe perguntei se queria vê-lo. Luiz olhou-me e, com uma censura mansa, respondeu-me resolutamente: — *Tu bem sabes que não deo querer vê-lo.*

A sorte do Instituto regulou-a com a mais profunda justiça. Grato ao nunca desmentido amparo que a Rainha lhe dispensava, a ella entregou a missão de cumprir as suas ultimas vontades, em que ia a mais segura defeza da instituição que viera formando. Aggremion os discipulos dilectos e, tal como Jesus quando aos apóstolos dizia — *ide e pregae ás gentes* —, assim os investiu no encargo de aguentarem os destinos da sua obra amada.

Aquella energia inquebrantavel, em tão rude embate experimentada, nem à appareção successiva e analysada dos funestos signaes que da morte se avizinhavam, vergou ainda.



Dr. Bello Moraes



Gabinete de trabalho do dr. Pestana no Instituto Bacteriologico

O des-
e a con-
tra do
jogo do
me canis-
mo respi-
ratorio, os
solavan-
cos do dia-
phra gma
desnor-
teado, a cya-
nose das
extremi-
dades, o
despar-
do pulso,
miudo e

pna. E rodeado de amigos e discipulos, de quem estoicamente se despedira, Luiz mergulhou na morte, declamando eloquente, como inspirado mestre:

Ha casos, meus caros amigos, em que os nacoes empregados pelos padres hindus e arabes, e os methodos da sciencia moderna, dão o mesmo resultado; é o meu caso.

A força que lhe dava a consciencia do dever cumprido traduzia-se na brilhante synthese da sua vida:

Trabalhei dez annos, sempre com a mesma orientação.

E tal como o heroico soldado que moribundo clama ainda *acante*, a agonia seccou-lhe nos labios o seu grito de guerra:

Trabalhai sempre meus amigos.

BELLO MORAES.



À manifestação á memoria

DO

Dr. Camara Pestana

(No cemiterio do Alto de S. João)



O cortejo.— Os pharmaceuticos de Lisboa



A caminha do cemiterio.— Uma escola asylo



O cortejo.— Representantes da Familia Real e do Governo



Antes da formação do cortejo.— A ciefa do Instituto Bacteriologico



O cortejo.— O dr. Serrano representante da Sociedade Medica de Lisboa



Drs. Moreira Junior e Augusto de Vasconcellos, representantes da Escola Medica



A' porta da capella antes da formação do cortejo



Pessoal menor do Instituto bacteriologico e cordão por elle offercido



O cortejo.— Os Estudantes



A sepultura depois de terminada a manifestação

A manifestação no cemiterio

É no alto luminoso de um cemiterio, uma romaria triste.

E comtudo ha flores, muitas flores, sarapintando bizzarramente o negrume de gente que se adensa em grupos esperando o momento official da consagração... Flores, manchando com a alegria da sua côr o soturno dos trajes, sorrindo, com a desenhosa alegria do céu, da tetrica tristezza da terra.

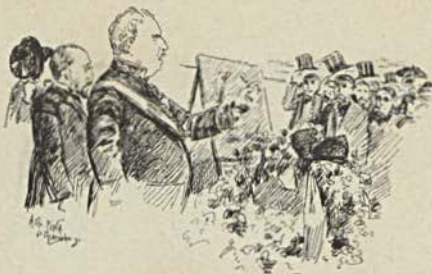
Porque ha tristezza... Um homem morreu... "que trabalhou sempre!"

Tinha pouco mais de tres dezenas d'annos e era cheio de sa bedoria e era cheio de dedicação. Tão bom d'alma, que do silvedo espinhoso da vida nem uma inimidade se erigira a ferido. Tão bom de entendimento que o seu mister era de salvar da morte os outros.

Era um crente, e como tal pateou n'uma cruzada santa... mas era um crente sem o veneno do fanatismo a justificar-lhe a devoção... nem a embriaguez cega e fera do guerreiro a exaltar-lhe a acção. Era um crente, porque era um sábio!... E a sua divisa tinha a elle, talvez sem nunca o notar, irrompendo do desalinho de officina do seu gabinete de trabalho, n'uma redução em bronze do celebre *Crede de Fremiet*.

Portanto: sábio, novo, amado, resuscitando Lazaros, eil-o talhado para o sacrificio. E' a eterna fatalidade a repetir mais uma vez a phrase do pretor:

— Ide e crucificae o.



O conselheiro Alpoim, ministro da justiça, discursando em nome do Governo

fumes antes de se infiltrarem té molhal-o.

Materializado pois topographicamente n'alguns palmos quadrados d'um cemiterio a alma de um martyr; evolando-se ternura de um montão de rosas e lyrios que lhe cobrem como rica colcha o seu ultimo leito; contada a magua que punga os que lhe adoram a memoria, arquejantes ainda de fresca saudade; sob a paz calma d'aquelle glorioso e mesto entardecer eu... espraçando a vieta haça encontro uma cara toda lavada em lagrimas. Encontro mais... mas fito só aquella. É um antigo amigo a quem, no acto, os trajes talares da Escola-Médica encombam inquisitorialmente a mocidade.

Mas não são os trajes de mestre o avelhentam — Ven da luta da morte da mesma luta em que o heroe succumbiu... e teve tambem a sua grande agonia quando o amigo lhe expirou nos braços.

Portanto ha dedicações ainda... que não claudicam.

E maldito seja o meu pensar quando suspeita que não pode haver na Terra ninguem bom... Eil-o... o Raro! E' um são e é um sábio esse Bello de Moraes que eu fito sempre evocando a tragedia d'aquelle assistencia hospitalar, como se ainda na sua barba alourada eu visse descaçando no ultimo abraço a face acaveirada do moribundo e lhe ouvisse estertorar no seu ultimo suspiro, a sua grande divisa: "trabalhai sempre."



Carlos Chã, discursando em nome dos estudantes de Coimbra

A morte de Camara Pestana, é, áparte a tragedia que a enquadra n'um fundo genialmente desuado, d'uma normalidade... que apavora.

Tinha que ser. Não se consente n'este encurdeio de vida que alguém tenha azas diaphanas; e quando se não podem attingar, para destruição, porque planem excessivamente alto, então parece que invisíveis syphos têm o encargo de as lambem de fogo para que taes icaros se despenhem.

Mas eis que vae desfilar o preto do mundo em frente ao seu coval. São turnos de creaturas graves que raro ides vér n'um cemiterio: medicos, professores, homens de sciencia sem o culto material da morte, de certo com a sentimentalidade empedernida ao amidiado roçar da miseria humana... mas que dentro em pouco terão o olhar turvo de lagrimas. Caminham em passo processional e pausado por entre renques de ciprestes e jazigos.

O aspecto do cemiterio é então estranho. Dir-se-hia, no movimento desaccostumado, uma povoação antiga... aná na imitação reduzi-da... de cantaria muito clara na novidade da installação. Ha columnas na sua belleza soberana sustentando frontões gregos; pyramides lisas de base larga e ventre mysterioso; agulhas de pedra musgosa; cruzes bordadas no azul do céu. E sempre como que n'uma decoração decadentista, ladeando os arruamentos correctos, ciprestes alinham a sua carapinha de penachos esgutos e perdem-se n'uma perspectiva de hilgrana como n'um canto de velho quadro gothico.



O dr. Serrano lendo o seu discurso

Antes do cortejo, sobre o coval que apenas o cavalleto lapidario dos estudantes aponta ao visitante d'acaso — murchavam flores — derramadas, no sentido da posição do corpo d'esse martyr... que ali... ali mesmo se esphacella sob camadas de cal e a dois metros de fundura. Mas á medida que a precisão vae desfiliando vão-se amontoando mais flores, muitas flores... tantas flores, que deya quando os discursos se dizem, e anteveja a cabeça de quem falla como que a surdir d'um grande ramalheo.

Esse supplicio da Ressurreição feito propositadamente á beira d'um coval, pelas convenções do sentimento, por uma assistencia sem numero, que a levar ao sitio onde baixaram os restos d'um santo, é grande preito da sua saudade... esse supplicio, para os que ainda podem chorar foi um consolo... para os descrentes foi uma duvida... e para os sem coragem a quem a vida tornou maus, á força de maus tratos... para esses... foi uma illusão.

E tamanha foi a evocação d'esse final estoico de um bom e de um sábio que ali sobre milhares de cerebros, na vil mistella humana que lhe rodeava a sagrada cova, eu não vi sequer adejar um egoismo!

O seu martyrrio estava pagando como na tradição christã o crime de todos.

Noitece... o céu acinzentado, vão começar a marchar aquellas rosas na noite silenciosa e phosphorescente dos cemiterios... Rutillam ainda, n'uma lita negra pendente de tres lyrios os doirados de um distico. Vou lêr e leio isto:

"— A'quelle que me salcou da morte."

Fôra o ultimo beijo de uma creança!

ARNALDO FONSECA



THEATROS

Theatro de D. Maria

D. Ametia

A Hospedeira — O Sacrificio

A Granier e a Hading



A tradução da *Locandiera*, comedia classica de Carlos Goldoni, foi a primeira peça nova que a empresa do theatro de D. Maria este anno offereceu ao publico. O nome prestigio de Goldoni é d'aquelles que definitivamente ficaram nos annaes da historia theatral de todos os paizes e todos os tempos.

Evidentemente, rebuscar de quando em quando nos opulentos filões artisticos do passado, não deixa de ser opportuno, como estimulo ao interesse e como meio educativo. E, n'esta ordem de idéas, o nome prestigio de Goldoni estava naturalmente indicado, não só pelo papel preponderante que no criterio litterario do seu tempo desempenhou este fido e audaz renovador do theatro italiano, mas tambem porque a hda, portuguez, mentalmente escravizada e embudada, depois da lição humanista grega e romana, pela quasi exclusiva predilecção da litteratura franceza, a arte scenica italiana é quasi por completo desconhecida.

A *Locandiera*, filha bem legitima e dilecta do poderoso talento do auctor do *Gondoleiro de Veneza* e *Helisario*, é uma peça interessante como traalado de costumes, e como desenvolvimento da these do ardiloso imperio da mulher.

A trama é porém demasiado tenue, os caracteres desadornados e a acção ingenua e simples, para conseguirem capazmente lisongear o paladar de um publico que a diuturnidade do escandalo e a abusiva ingestão de grossos accipies têm de larga data depravado.

Vale contudo em hã parte a famosa comedia de Goldoni o desempenho da protagonista, confiado a Lucinda do Carmo. Tudo quanto de estoanvico, de graça, de desalabados manejos de seducção o auctor concentrou n'aquella curiosa figura de Mirandolina, tudo isso a talentosa e galante Lucinda comprehendeu, sentiu, fez viver em scena, por uma forma, a mais não poder ser, adoravel, real e captivante. A *Locandiera* faz parte, como sabem, do repertorio da Duse; a actriz portugueza porém, pondo de parte a interpretação, um pouco fria talvez, toda subtilidade e finura, da genial artista, emprestou ao typo meridional da estalajadeira o melhor do seu temperamento ardente, e sob este ponto de vista o seu desempenho mais comprehensivel, mais logico, affagava-se nos superior. É o que ha a especialisar com louvor, no trabalho dos interpretes da *Locandiera*. Os demais, contrafeitos n'aquelle genero theatral e, não obstante jogarem a seu favor com a deslambadora maldade e de compositura as scenas picantes do muito que havia a esperar do seu talento e do seu estudo.

A *mise-en-scene* é acertada; e o scenario, de Eduardo Machado, é mais uma bella composição, toda em recamos brilhantes de colorido e de verdade.

Em resumo, pois, a *Locandiera*, — que o sr. Mello Barreto verteu a portuguez com raro escrupulo e esmero, — se não é peça que resume as triviaes condições de attracção para o grosso publico, merece entretanto muito ver-se, ainda que mais não seja do que como curioso documento litterario das multiplicas facilidades de eleição com que a natureza dotou esse homem extraordinario, o *Molière* italiano, o qual chamado em 1701 à corte de França, indirectamente ahi trabalhou tambem para essa estrupidante renovação dos espiritos, que iria em breve deslamburar o mundo, reformando e trazendo á verdade e ao caracter o mesmo theatro francez.

Do repertorio da "casa de Molière, ficou desde então tradicionalmente fazendo parte uma comedia, escripta em francez por Goldoni, "*Le bourru bienfaisant*", que alcançou enorme exito em Paris, e ainda recentemente Novelli aqui representou em Lisboa.

O *Sacrificio* é um drama n'um acto, pungente e desolador, com vigorosos traços naturalistas, mas em que a execução atraícuo não raro, quer-nos parecer, a linha ideativa do auctor. Por isso, e visto como se trata d'uma estrella, aguardaremos novo trabalho do sr. Portugal da Silva, que mais do seguro permitta á critica dizer dos seus meritos e analysar os seus processos.

A apostar que nenhum dos senhores que está commodamente recostado no seu *fauteuil* enquanto a Granier diz as mais graciosas *canalleries* com o seu ar grave e sério, e a Hading ostenta a linha elegante das cortezas ou das amantes da alta comedia, nem um dos senhores calcula as difficuldades, que para outros seriam invenciveis, os obstaculos, que a muitos fariam desistir do arrojto, que se antoalharam á empresa do theatro D. Amelia para trazer a Lisboa, ao mesmo tempo, n'uma época de exigencias sem conto, um grupo de artistas de nome, como os que ha uma porção de noites temos applaudido n'aquella elegantissima sala de espectáculo.

Ainda a voz de oiro da Sarah nos cantava aos ouvidos maravilhadlos todos os poemas da paixão, ainda se não tinham apagado as ultimas vibrações d'essa musica incomparavel, e já a Granier e a Hading, duas estrelas da constellação parisiense, começavam a brilhar no nosso estreito firmamento. E ao lado d'estes astros de primeira grandeza, quantos outros de luz propria surgem simultaneamente para nos darem a impressão do conjuncto, para, pela primeira vez em Portugal, podermos apreciar o encanto e o fulgor de uma *chœur de estrelitas*.

É caso para dizer-se que não se enganou redondamente o bom Doutor Rodolpho Falb. A chuva d'estrelas por elle annunciada não falhou — cá em Portugal. O que por enquanto tem fallado é... o fim do mundo.

E antes assim para tempo de ir afeccionado o paladar exigente ás subtilidades, ás gracilidades, aos enlevos da arte franceza que parece ter escolhido para seu reino o theatro D. Amelia.

Mas, como ia dizendo, que difficuldades, que canceiras, que ilunhões, hoje acariciadas e desfeitas amanhã, para renascerem no dia seguinte, e, por que não heide dizel-o? que arrojada naturalidade a que a empresa d'aquelle theatro poz em accção, para nos apresentar esse magnifico grupo de artistas!

O pouco que sei do assumpto basta para fazer adivinhar o muito que fica por dizer. Porque lhe confesso que não é tudo o ficarem sabendo que para terem ali, no palco do D. Amelia, a Hading, que pertence ao theatro da Porte de Saint Martin, foi preciso levar o Coquelle a transpôr a ordem dos seus trabalhos.

Para a Granier, das *Faritiés*, nos dar na sua arte requintada de malicia e de compositura as scenas picantes do *Nouveau feu* do *Vieux marcheur*, foi preciso um sem numero de combinações e accordos com o empresario Samuel.

A Burtj, do Palais Royal, tão gentil, tão correcta e galante na sua arte, só depois de muitas difficuldades, e depois de obter uma licença especial para deixar Paris por Lisboa, Marselha e Monte Carlo. O mesmo com Mayer que pertence ao Vaudeville e ao Gymnasio, o mesmo com Marchetto, esse excellent e eximio artista, que tão alto relevo dá á sua arte. Um dos melhores, Dumény, do theatro Antoine, teve que deixar a



A scena do duello no 2.º acto da Hospedeira



Lucinda do Carmo no seu camarim, com o traje de Mirandolina



No foyer do theatro de D. Maria

peça *Père naturel*, em pleno successo, para estar agora em Lisboa. A' troupe Simon, de Marseille, pertence Lenormant e os outros artistas, para agrupar os quaes não foram menores os obstaculos a vencer.

Depois d'este breve *échantillon*, verá quem nos ler, que não era destituída de razão a observação com que estas palavras começam, e apreciará melhor o alto serviço que fez á primeira sociedade de Lisboa a empresa de D. Amelia, que não teve duvida em afrontar as probabilidades de um *krack* financeiro, comtanto que offerecesse ao seu publico, guloso de arte, algumas delicias *gourmandises*, comtanto que lhe apresentasse, reunidos no mesmo palco de Lisboa, artistas dos mais famosos e consagrados de Paris.

Que dizer da Granier que não esteja dito?

Ella é a creadora eximia de papeis que lhe fixaram uma individualidade artistica sem rival. Lavedan e Donnay tem escripto para ella as suas melhores peças, e pensam decerto no seu *jogo*, no seu processo, na sua arte, quando criam personagens, como aquellas com que ella tão superpiormente se identifica nos *Amants*, no *Nouveau jeu*, no *Vieux Marcheur*. Genero dentro do qual nem sempre abunda o que se chama *theatro*, como o *Vieux Marcheur*, cujo exito colossal é difficil comprehender, e d'ella, toma vulto e relevo na sua interpretação, na collaboração artistica com que a realça, na siseudez e gravidade—base principal do seu processo—com que diz as *conversations* mais picantes, as phrases mais escabrosas. A intenção que a Granier dá á palavra e ao gesto, não a sublinha, não a carrega, não a accentua com repiques de phrase, com sorrisos excessivos, e comtudo o effeito é seguro, o riso brota, o applauso ferve. Porquê? Este é o *quid*, e este *quid* é o ponto mysterioso, intangivel, que escapa á observação, e que é comtudo uma força porque marca e fixa uma individualidade.

Na riqueza e na elegancia das suas *toilettes*, em que ha o mais culto e apurado *savoir faire*, nos primores da dicção, e em toda uma sciencia de representar que ella trouxe d'esse malicioso, ligeiro, e adoravel mundo da operetta, encontrou a Granier recursos e elementos de tal riqueza, que Lisboa acaba de reconhecer que é justa a celebridade de ha muito conquistada por ella em França e no estrangeiro.

Jane Hading é uma actriz formosissima e uma grande actriz. Não ha linha mais elegante, nem mais divina attitudé. E é justo confessar que estes recursos, que a natureza lhe prodigalisou, têm um largo quinhão na sua fama. Fama justissima aliás, porque ella os completa com os primores de um talento brilhante e culto. Se nos processos, na attitudé e até na voz, alguma actriz hoje existe que lembre a grande Sarah é ella. Não faz evidentemente a sua *pastiche*, mas o gosto da arte e a propria natureza contribuem para essa flagranté similhaça.

Fez-lhe uma ovação grande o publico, logo na primeira noite, em que a Hading na *Aventurière de Augier*—cujos versos diz primorosamente—e na *Visite de nocces* se revelou o que era. É evidente-

mente uma actriz notabilissima, que sabe dar grandeza ás personagens que interpreta, e que reproduz com realidade e eloquencia o sentimento nas suas feições multiphas, por muito complexo e vario que elle se apresente como na *Sapho*—a sua maior criação—ou na *Etrangère*.

Os artistas de que acima falo, todos de nome e de consagrado valor, representam com a Hading como representavam com a Granier. Isto basta para lhes aquilatar os recursos de que dispõem, porque os dois generos são totalmente diversos. Neste, em que a Hading briha, ha mais theatro, e sobretudo ha irradiações da Grande Arte n'uma das suas feições mais suggestivas e mais bellas.

JAYME VICTOR.

Gymnasio

A *Jucunda*, de Abel Botelho

Bem andou a empresa do Gymnasio em fazer a *reprise* de uma das mais laureadas peças do repertorio nacional. Pelo brilho da linguagem, pelo estudo dos personagens e pelo interesse das situações, a *Jucunda* tinha assignalado um logar no theatro, e plenamente justificava o applauso com que a tinham por igual acolhido o publico e a critica.

A recomendar n'esta epocha a sua *reprise* este glorioso precedente bastava. E que não errou quem de novo a poz em scena prova-o o novo e caloroso acolhimento que acaba de fazer-lhe o publico do Gymnasio, que subinhou com palmas calorosas as passagens mais interessantes da peça, as phrases maliciosas e burladas, o dialogo sempre vivo, não raro picante, e de uma intensa e brilhante energia de intenção.

Resappareceu Sollar no seu antigo papel, e Marcellino Franco encobriu a peça de Abel Botelho para a sua festa artistica. Eram novos attractivos para o publico, que não faltou á chamada, e que glorificou com applausos o auctor e os principaes interpretes da sua obra. Alem d'aquelles, Beatriz, Telmo, e Barbara, que se encaregou do papel d'antes confiado a Jesuina, e em cujo desempenho deu uma prova mais do seu talento de comediante.

Príncipe Regat

A *Maria da Fonte*

Estamos em maré de *reprises*, e n'este regimen justo é confessar que não levamos a palma á França. São *reprises* as peças que mais farta colheita de applausos estão hoje tendo em Paris, e que mais avolumam a receita dos theatros.

A *Maria da Fonte* é um drama patriótico, podendo tambem acrescentar-se: é um drama bem feito. A primeira qualidade é de tal suggestão e de tal força para os publicos especificos que frequentam o popular theatro da Rua da Palma que só essa quasi bastava a justificar o exito, não inferior ao que na mesma sala teve ha 15 annos.

Depois, os dois interpretes dos principaes papeis não tem rivaes no genero: Adalina Ruas e Roldão. Ella faz aquelle papel do garoto como nenhum outro artista o faria no theatro portuguez.

É um Faguiha *comme il faut*, vivo, ladino, sagaz, garoto, um typo popular fortemente accentuado e reproduzido no trabalho magnifico de Adalina Ruas.

Roldão cahiu incontestavelmente nas graças d'aquelle publico. Tendo seguido na estreira do saudoso Ribeiro, da Trindade, pode já como elle, fazer o que quizer, collaborar na peça, tomar as liberdades que entender, que o publico nem lhe regateia louvores, nem se mostra cansado. Roldão é por excellencia um actor popular.

Rua dos Cordes

Victoria do General

De novo, apenas o velho theatro, transformado n'uma confortável e moderna sala de espectaculos, nos deu aquella interessante comedia, que um actor de merecimento, Pedro Cabral, traduziu com esmero. E a melhor qualidade d'elle: o humorismo, com facilidade a transmittiu á pequenina peça, que tem o condão de fazer rir despreocupadamente o publico. Os personagens comicos, as scenas picarescas, e a linguagem fertile em espirito, produziram o resultado. Acrescente-se que eram os primeiros papeis confiados, ao traductor, que fazia a sua estreira de actor n'aquelle theatro, a Jesuina e a Gomes, e comprehender se-ha sem difficuldade que no successo houve d'esta vez bom gosto e justiça.

Scena final de 1.º acto da *Jucunda*

BRASIL—PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Editor — LOUZ ANTÓNIO SANCHES
Redac. e administr. — R. Ivens, 53 — LISBOA

Impresso na Typ. do Commercio
TRAVESSA DO SACRAMENTO AO CARMO, 3 e 7

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO		
Anno.....	{ (moeda brasileira) }	Anno.....	7\$000	Anno.....	8\$000
Numero avulso		6 mezes.....	4\$000	6 mezes.....	4\$500
		3 mezes.....	2\$000	Numero avulso	3\$000
		Numero avulso	2\$400		

SUMMARIO

Chronica electrica — BRASIL-PORTUGAL.
Rêjane — ALBERTO DEADA.
Gabriella Rêjane.
Yvesa — CORDE DE MORALES.
A Bopracha ou Gouma Elastica — BARLO DE MURAD.
Casas pequenas — LUIZ TAVARE.
O dr. Camara Postada — DR. BELLO MORAES.
No centenario — ANAHELO FERREIRA.
Theatros.

Paginas supplementares

Os nossos correspondentes.
Os que chegam
Um ditto agudo de Hierulano.
Recettas
Horas d'acido.
Um cataclysmo — O N.º 1000.
CARTAZ DA QUINZENA.

44 ILLUSTRAÇÕES

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empreza do BRASIL-PORTUGAL tem
ja os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO — Coronel Theodulo Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua da Alfândega, 4, sobrado.

FERNAMBUCO — Leopoldo A. da Silveira.

PARÁ — Manuel Ferreira Santos Junior (canta Very Well).

MANAÓS — L'no Aguiar & C.º

MARANHÃO — Leoncio J. de Medeiros & C.º

CEARÁ — Salles Torres & C.º

BAHIA — Sousa Vianna & C.º Rua dos Ourives, 2.

Em Africa

BOLAMA (Guiné) — Cesar A. Gouveia da Silva Homem, thesoureiro geral da Provincia.

MOSSAMEDES — José Maria Pereira, escrivão e tabellião.

QUELIMANE — Henrique Lima.

No continente

PORTO — Livraria Moreira, Praça de D. Pedro.

EVORA — Luiz Freire Correia, director da fiscalisação dos tabacos.

PONTE DE LIMA — Lima, Amaral & C.ª

A Empreza BRASIL-PORTUGAL espera dentro em pouco completar a relação dos seus correspondentes em todos os Estados do Brazil, e em Portugal e colonias.

Com elles se poderão entender directamente todos os srs. subscriptores e leitores do BRASIL-PORTUGAL.

Os que chegam

Dos diferentes portos do Brasil chegaram pelo

Margdalena

Patrocínio dos Santos Pinto, que foi ao Rio de Janeiro tratar dos seus negocios, regressando a Lisboa depois d'uma ausencia de 6 mezes.

Custodio Celso de Sabófal e Silva, vice-consul do Brasil no Funchal, e antigo consul no Paraguay. Vem do Rio de Janeiro, com sua esposa e filho, e demora-se entre nos algum tempo, seguindo depois para a Madeira.

Antonio Duarte Liborio, importante negociante, que foi ao Rio de Janeiro tratar de negocios relativos á sua casa, e que regressa ao Porto depois d'uma ausencia de 8 mezes.

Joaquim Maria Bastos, conceituadissimo commerciante do Rio, e um dos mais estimados membros da colonia portugueza n'aquella cidade, onde é socio da Sociedade de Beneficencia Portugueza. Ausente ha quarenta annos de Portugal regressa agora ao Porto, sua terra natal.

João Marinho Bastos, irmão do precedente, e tambem commerciante muito conceituado.

Como seu irmão, esteve ausente 40 annos regressando agora ao Porto.

João José Gomes, commerciante portuguez, que foi ao Rio tratar de negocios pessoais, re-

UM CATACLYSMO



Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

gressando agora a Brago, d'onde esteve ausente quatro mezes.

Henrique Marques, socio da importante Empresa da Historia de Portugal, e que ha seis mezes partira para o Rio a fazer a propaganda d'aquella publicação.

Antonio de Barros, commerciante portuguez, que depois d'uma ausencia de 3 annos, passados no Rio Grande do Sul, regressa a Lisboa.

Pelo

Thames

Miguel Fortunato Fortes, o conhecido empresario theatral que de sociedade com Juca de Carvalho, levou ao Brasil muitas das principaes companhias portuguezas. Vem do Rio de Janeiro, onde estava ha seis annos.

Antonio do Abreu que depois d'uma ausencia de 4 annos regressa ao Funchal, sua terra natal. Vem do Rio de Janeiro.

José Gonçalves, importante negociante no Rio, que depois de uma ausencia de 7 annos, regressa a Fafe, sua terra natal, onde vai procurar alivios a sua pertinaz doenca.

Luiz do Castro, conceituado negociante no Rio de Janeiro, onde é um dos mais illustres membros da Ordem Terceira do Carmo. Vem passar algum tempo a Lisboa, onde não vinha ha quatro annos.

Paulo O. da Silva, commerciante abastado, e estimadissimo entre a colonia Portugueza do Rio de Janeiro, vem a Lisboa passar alguns mezes.

J. Baptista Vieira do Carvalho e Vasconcellos, proprietario. Partiu ha 5 mezes, com sua esposa, para o Rio de Janeiro, onde foi tratar dos seus negocios, voltando agora para Lisboa, onde é a sua residencia.

Um dito agudo de Herculano

Entra um rapaz de dezoito annos no gabinete de trabalho do grande historiador, e desata a contar-lhe a historia dos *grandes infortunados* da sua vida. Está o Herculano ouvindo com pacientissima attenção, encostado á secretária retratada no quadro de José Rodrigues, na sala das sessões da Camara Municipal.

O rapaz, a principio, tímido e gaguejante, aquece, em vista da imperturbavel serenidade do seu bondoso ouvinte, e espraia-se em considerações eloquentemente sentimentaes e acaloradas.

De repente, vòu-lhe dos labios um plebeismo medonho, um verbo mais que extra-parlamentar e furiosamente infeliz no meio de uma exposição todo respeito e cortezia repassada de paixão arrebatada e commovida.

O pobre orador, em vez de andar resolute para diante, sente a vermelhidão da vergonha ruborizar-lhe a face quasi imberbe, títubeia, atrapalha-se, e decide se por fim, a abrir um penitencioso parenthesis.

— Peço perdão a v. ex.* pela palavra *menos bem soante* que deixei escapar contra meu querido...

— Não tem duvida, acode Herculano immediatamente — aqui, só se quer o termo que exprime *dem a coisa*. Pode continuar á sua vontade.

43321

RECEITAS

Vinhos espumosos

Pode-se obter vinho espumante pelo seguinte processo: quando o vinho branco está assente, limpado portanto, antes porém de estar terminada a fermentação secundaria, passa-se para fortes garrafas, que são em seguida muito bem rolhadas e pressas as orelhas com barbatanas. No fim de um ou dois mezes, o vinho, assim engarrafado, estourará como Champagne.

Lamprea assada

Lavada e limada uma lamprea em agua quente, tirem-se-lhe os dentes, o fel e as guelras, que estão com elle e lê-se-lhe um golpe na barriga, para que, tirando-se a tripa, não lique a lamprea suja por dentro; ponha-se a escorrer sobre uma frigideira. Escorrido que seja o sangue, vai a assar no espeto, tomando-se o pingo na mesma frigideira. Este molho da frigideira é temperado com um golpe de vinho, summo de uma laranja,

noz muscada, e mais adubos, e vai á mesa separado da lamprea.

Revelador de proto chlorato de ferro

Este excellent revelador para instantaneas compõe-se de uma solução de 9 gr. de perchlorato de ferro em 30 gr. d'agua. D'esta solução tomam-se 10 gr. ás quaes se adicionam 30 gr. de uma solução ordinaria de oxalato de potassio, na qual se deitam algumas gotas de bromto de potassio. As chapas reveladas por este processo tornam-se completamente amarellas ao sairem do banho de hyposulfito. Para obstar a este inconveniente, lavem-se bem ao sairem do banho de ferro, e mettam-se depois n'um banho d'alumen contendo algumas gotas d'acido citrico.

Brilhantina

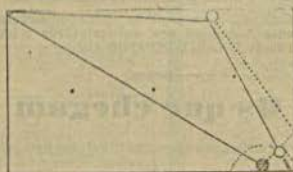
A brilhantina para lustrar a barba e os cabellos é um liquido alcoolico, aromatizado, com um perfume agradável e no qual se dissolve $\frac{1}{10}$ do seu peso, quer seja de glicerina pura ou de oleo de ricino frescamente preparado, porque, não sendo assim, o cheiro d'este oleo é forte, desagradavel e difficil de disfarçar.

43321

Horas de ocio

O BILHAR

Carambolas de phantasia



Charadas em verso

Troque quinta por primeira
— O que achou?
— Casa, castiçal, caubas. — 2
Troque prima por terceira
— Já comou?
— Fax passar as xitloges! — 1.
— E tão grande comicho
— He fax isto provocar?
— E se a coco muitas vezes
— tenho sempre de a coçar.

No campo — 3
No campo — 3
De plantas formado
— Pra ser estado.

Su elemento o que é habante — 2
O contrario ninguém dirá;
Hontem signal de triboza; 2
Hoje de alegria nos dará.

Causa horror verdadeiro,
Entre depressa na Limocro!

Charadas movissimas

E' de Turquia e nota que está no Jardim zoologico — 2, 1.
Nada de habitar na Siberia — 1, 1.
E' segunda nota e nota o que foi — 1, 1, 1.
Cure de rastos para a cidade — 2, 2.
Em milha casa tenho este bella fructo — 1, 1.
Alem n'aguelia caixa, mas calado, está uma arma — 2, 1.
Na minha, mas nota, coloco, ás vezes a alegria de-lhe — 1, 2.
Nem todo o sapato, ovava, serve para andar no gelo — 1, 1.

Charada diffusa

A pagina mais brilhante da nossa historia é o elogio da
nossa independencia — 2, 9.

Logographos

(Por litteras)

Aqui tens uma cidade — 9, 2, 3, 10.
e app'ido de multa gente — 3, 8, 1, 2.
tens tambem um grande homem — 2, 10, 1, 8, 2.
que ainda é meu parente — 1, 4, 2.
Agora aqui tens um peixe — 7, 8, 1, 2.
que se afirmao tem bom gosto — 4, 2, 7, 2, 10.
e que tu achas n'um rio — 6, 7, 2, 1.
dos mais pequenos, apoeia — 5, 7, 2, 2.

O conceito, meu leitor,
facilmente vaa achar
se no reino vegetal;
te são capazes de buscar

He um nome conhecido — 1, 5, 7, 8, 9, 5, 8
D'uma grande f'liceira — 6, 8, 1, 2, 11.
Que dizem ser amado — 8, 1, 11, 5, 10, 11.
Lá da terra boa letra — 4, 8, 5, 9, 4, 8, 1.
Rolas, gansos e pavões.
Nozes, peras e melões.

ECRIVO LAL.

Carta enigmatica

EX.ºº Sr. E, 6, 8, 2.

E' Nada a poesia que V. Ex.º, sr. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, dedizou ao seu 8, 9, 1, 10. Anabo de covil a recitar ao primo 2, 4, 10, 8, 3, 2, um bom moço que fax a cota a minha 4, 7, 5, 1; mas costra variado do papa 4, 3, 2, 4, 10, que o espraia de 7, 8, 9, 3, 2, 8, e ás vezes da 2, 10, 1, 8, 10; perenente a um tal 3, 4, 4, 8, 9, 10 que veio ha pouco da sua patria, perisno das margens do 5, 3, 7, 10.

Felício, pola, a V. Ex.º pelo modo distincto com que delilha na lyra, e porque tambem sou 8, 4, 1, 9, 5, 3 da poesia.

De V. Ex.º

Sincera admiradora

6, 4, 4, 8.

D. FERNANDA DE MATTOZ.

Enigma

A TE 1 A 5 Graças 2

Decifrações do n.º 15 do BRASIL-PORTUGAL

Do enigma pittoresco — Armazen Grandelita.

Uma coquette pode muito bem ser virtuosa;
mas nunca é innocente.

MADAME POTIN.

43321



UM CATACLISMO

O CARTAZ DA QUINZENA



S. Carlos.

Dando durante a quinzena as 8 recitas da Rejane, prepara-se para no dia 20 abrir a epocha lyrica, com uma comphilha de primeira ordem, composta pelos seguintes artistas.

Sopranos e meio-sopranos: Gemma Bellinioni, (durante o mez de janeiro); Tina Bendazzi, (até ao fim de fevereiro); Amalia de Roma, Cesira Ferrami, Rosita Jacoby, Luiza Longhi e Maria Martelli (durante toda a epocha); Regina Pacini (durante o mez de janeiro); Armida Parsi, (até ao fim de fevereiro); Adeline Stehle (durante o mez de março).

Primeiros tenores: Alexandre Bonci (até fevereiro); Carlo Delmas (até ao fim de janeiro); Fernando de Lucia (fevereiro e março); Eduardo Garinhi (março); Alfonso Garulli (até fim de janeiro).

Primeiros barytonos: Giuseppe de Luca e Mario Sannarico (durante toda a epocha).

Primeiros baixos: Orreste Carozzi e Andrea Perello.

Baixo Generico: Arcangelo Rossi.

Comprimarios: Tina Manfredi; tenores, Osvaldo de Gennar, e Luigi Fialisi; baixos Emanuele Caudela e Natale Cerni.

Primeira bailarina: Maria Bordin.

Mestres directores d'Orchestra: Arnaldo Conti e Romualdo Mare; **dos côros:** Cesare Bonapozzi.

A orchestra é composta por 60 professores; os côros tem 60 coristas d'ambos os sexos e o corpo de baile é composto por 20 bailarinas.

Durante a epocha cantar-se-hão duas operas novas: *Bohème* de Leoncavallo e *Fedora* de Giordano.

A opera de abertura é a *Bohème*, de Puccini.

A distribuição dos papeis é a seguinte:

Mimi.....	Ferrari
Musetto.....	Martelli
Rodolpho.....	Bonci
Marcello.....	De Luca
Colline.....	Perello
Schaunard.....	Cervi
Alcindoro.....	Rossi

O tenor Florencio Constantini, que estava escripturado para esta epocha lyrica falhou ao seu contracto, como já anteriormente falhara ao que lhe assignado com a empresa do Lyceu de Barceloes, assim se escripturou no Theatro Real de Madrid. Por esse motivo a empresa reservando-se o direito de proceder contra aquelle artista, contractou o celebre tenor Alessandro Bonci para um numero de recitas mais que o do seu primitivo contracto, escripturando, alem d'isso, os tenores M. sin e Daddi.

O tenor Masin é um artista muito distincto, que fez toda a epocha passada no Theatro Real de Madrid, com muito exito.

D. Maria.—Dando as ultimas recitas da *Hojepera*, a deliciosa comedia de Goldoni, que o sr. Mello Barreto traduziu com esmero, va encenando o *Frei Luiz de Sousa*, a obra monumental do immortal Garrett, que deve ser representada no dia de 7.

Masini, o illustre artista, scenographo eminentissimo, pintou todas as scenas d'um modo deslumbrante.

A distribuição nos papeis é a seguinte:

Manuel (Frei Luiz) de Sousa.....	Posser
D. Magdalena de Vilhena.....	Virginia
D. Maria de Noronha.....	Delphina Cruz
Frei Jorge Coutinho.....	Fernando Maia
O Tempo-Paes.....	Cardoso Galvão
Telmo-Paes.....	Ferreira da Silva
O Prior de Bemfica.....	Gama
O Irmo Converso.....	Araujo Pereira
Miranda.....	Senna

O archiepiscopo de Lisboa, Dorothea, Coro de frades de S. Domingos, clerigos do archiepiscopo, criados, etc.

Na mesma noite, representa se tambem a deliciosa comedia em 1 acto, tambem de Garrett, *Fallar verdade a mentir*.

A distribuição dos papeis é a seguinte:

O General Lemos.....	Pinto de Campos
Braz Ferreira.....	Cardoso Galvão
Amalia.....	Laura Cruz
Duarte Guedes.....	Fernando Maia
Joaquina.....	Judith Corrêa
João Felix.....	Manuel Nobre

D. Amelia.—Representa-se no dia 16 a peça de Lopes de Mendonça, *Amor Louco*, em 4 actos.

A distribuição dos papeis é a seguinte:

Paulo, filho de Marçal.....	Augusto Rosa
João Pardella.....	Eduardo Brazão
Dyonisio, pregoeiro da Villa.....	João Rosa
Marçal, taberneiro e lavrador na Ericieira.....	João Gil
Manuel da Brincosa.....	Augusto Antunes
O Charroco, corcunda.....	Jesuína Saraiva
Rochea, guarda da alfandega.....	A Cabral
Secca de Meça, almoxarife.....	F. Lagos
Aninhias, filha de Dyonisio.....	Georgina Pinto
Monica, avó de João Pardella.....	Anna Pereira
Rosaria.....	Amelia Pereira
Um pescador.....	F. Salles
Uma mulher.....	Amelia O Sullivann

Pescadores, mulheres e creanças da villa

A acção passa-se na Ericieira, na segunda metade do seculo XIX.

Theatro da Trindade.—E' inutil dizer que toda a quinzena será occupada pela magica, *Relogio Magico*, peça de successo tão seguro que só se deixará de representá-lo no dia 11, em que Amelia Barros faz o seu beneficio com o *Testamento da Velha*, e n'uma ou outra noite para que já ha beneficios marcados com o *Hotel de Livre Cambio*.

Rua dos Condes.—Durante a quinzena continuará representando o *Commissario de policia, Agulhas e Alfinetes, Sacristão de Santo Eustachio, Loucuras de amor, Victórias do General*, peças de especial agrado do publico, e como novidade apresenta nos *Durand e Durand*, uma comedia engracada que fazia parte de repertorio de Gymnasio quando o Valle lá estava.

Na Rua dos Condes a distribuição dos papeis é a seguinte:

Alberto Durand, merceiro.....	Silva Pereira
Antonio Joquardier, seu sogro.....	Valle
Alberto Durand, advogado celebre, seu primo.....	Gervasio
Javanon.....	Gomes
Barbatier.....	João Silva
Eugenio Charvet.....	Leal
Theodoro, caixaero de mercearia.....	Alves
Luiza, filha de Joquardier, a mulher d'Alberto.....	Carolina
Marionita.....	E. Rochedo
A baronesa da Torre.....	Jesuína
Clara, creada.....	Alda
Irma, filha da baroneza.....	Maria Emilia

Em ensaios entrou ha dias o *Poeta de Xabrigas*, operetta em 3 actos de Eduardo Schwalbach, expressamente escripta para a festa artistica do actor Valle, e para a qual Philippe Duarte escreveu musica de que nos dizem maravilhas. A peça é posta em scena com grande luxo. Scenario, e guarda-roupa são novos. No 1.º acto entram 42 personagens.

Principe Real.—Alem dos espectaculos que dara com as applaudidas peças *Pratas da Savana, Ladres do Mar, Maria da Fronte, José João, Duas Orphãs*, representa pela primeira vez no dia 7, a *Dama de Ouros*, drama em 5 actos e 8 quadros, de Pierre Decourcelle, traduzida pelo sr. Faustino da Fonseca.

O desempenho d'esta peça, que está destinada a um colossal successo, esta assim distribuída:

Geraldo Austen.....	Ernesto do Valle
Jorge Forster.....	Peixoto
Jim Dixon, mineiro.....	Baptista
Ricardo Burgess.....	Luciano
Austen, agente de cambio.....	Eduardo Soares
Terence Smithson, mineiro.....	Torres
William Curtis, mineiro.....	Frederico
Jack Brookfield, mineiro.....	Ferreira
Webster.....	Augusto Machado
Cirus Castlestone, caixaero.....	Machado
Winnigan, hollandez, mineiro.....	Mendonça
Sam Robson, policia.....	Federico
John Barker, policia.....	Mendonça
Butterfield.....	Emilia d'Oliveira
Margarida Wackford.....	Rosa d'Oliveira
Cecilia Austen.....	Elvira Costa
Pepa, «A Trigueira».....	Maria das Dores
Miss Pedolope.....	Julia Assumpção
Rate.....	Julia Assumpção
Rosa, criada.....	Julia Assumpção

Os titulos dos quadros são os seguintes:

1.º No poiz das minas de ouro; 2.º Uma execução nas montanhas; 3.º Banho forçado; 4.º Assassinio e roubo; 5.º Depois do crime; 6.º A prisão; 7.º A dama de ouro; 8.º Vingança de mulher.

A actriz Adeline Ruas, não poderá, durante esta quinzena, tomar parte nos espectaculos por se achar gravemente doente. Será substituída por uma das suas collegas.

Real Colyseu.—Até ao dia 15 continuará representando o *Cavalleiro da Rocha Vermelha*.

Nesse dia representa pela primeira vez a *Reviravolta*, operetta de grande espectáculo, em 3 actos, arreglada e amplada pelo sr. Alberto Bessa, e para a qual o illustre mestre Caldeiro escreveu deliciosa musica.

A distribuição dos papeis é a seguinte:

«A fidalga do Lago», Elvira de Jesus; «Florinda do Casal do Meio», Carolina Santos; «D. Creonilda», sia da fidalga, Francisca Martins; «Capitão», cabelleira hespanhola, Rogelia Carú; «Marianna do Faval do Meio», Thereza de Carvalho; «O morgado do Vale», Christiano Telmo; «Seraphim Ameno», mordomo, Eduardo Fernandes; «Bernardino Benabio», Santos Junior; «Constantino Armagante», Carlos Lopes; «Dr. Belladonna», medico, Luiz Filho; «Procopio Polidoro», professor, Heitor; «O regedor da aldeia», Pinheiro; «O juiz ordinario», Monteiro; «Barnabé», creado, J. Monteiro; «Polycardo», idem, M. Pinheiro; «Um cocheiro», Luz; «Um transtornado», Rochea; «Um cosmeiro», Arthur; «Um ajudante do dito», Torquato; «Um escudeiro», Raposo; «Outro dito», Queiroz; «Um criado de quarto», Villar; «Um borteiro», Bancho; «Um jardineiro», Pimenta; «O tabelião», Rodrigues.

Criados, criadas, aldeões, aldeãs, convidados, fadas, bailadeiras, etc.

Os bailados serão dirigidos pela primeira bailarina, sr.ª Zambeli. Guarda-roupa de Carlos Cohen. Scenario de Valdez. Cabelleiras de Coelho e miss en-scene de Santos Junior e musica do mestre Carlos Caldeiro.

Os titulos dos actos são: 1.º *Sonho de amor*; 2.º *Remedio efficaç*; 3.º *Cura radical*.

CERCLE COMMERCIAL

Santos & Côrtes



Caixa postal n.º 159

O primeiro hotel de Manáos. Quartos luxuosos e com todas as condições hygienicas. SÓ SE ALUGAM a cavalheiros, ou a familias.

RESTAURANT

Única casa no genero. Vinhos de todas as procedencias do mundo. Refeições a qualquer hora, dia e noite.

Serviço de banquetes

Cosinha aprimorada.

O estabelecimento possui barbearia, casas de banhos e bilhares.

RUA DA INSTALLAÇÃO, 3

MANÁOS

Consultorio medico-homeopathico

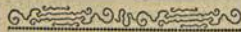
Do Dr. Cesario d'Abreu

RUA AUGUSTA, 224, 226, 228

LISBOA

Consulta medico-cirurgica e partos — 12 ás 3 h., e ás 10 h. — dr. Arthur Braga.
Consulta medica, 3 ás 6 h. da t.; dr. Cesario d'Abreu.

Consulta gratuita a qualquer hora

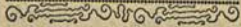


HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

7, Rua das Flores — Largo do Quintella

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, offerece todos os confortos de uma casa de primeira classe.



GRANDE ALFAYATERIA DO SOCCORRO

DE

Francisco Fernandes Guerra

13 — Rua Fernandes da Fonseca — 15

LISBOA

Collecções sortidas em casimiras, cheviores, diagonaes, moscoux, tanto nacionaes como estrangeiros.

Remettem-se amostras a quem pedir e catalogos que ensinam a tirar medidas.

Photographia Eduardo Novaes

Neste atelier executam-se os seguintes processos photographicos, com a maxima perfeição para os quaes tem artistas competentes.

Retratos em papel Eastman

Retratos em papel charbou, (Processo Carvão).

Retratos em papel Aristo.

Retratos em papel Ibanando

Retratos a oleo.

Retratos u aguarella.

Retratos a crayon.

Retratos em miniatura

N. B. — Todos estes trabalhos são executados neste atelier.

PREÇOS LIMITADOS

Calçada do Duque, 25 — LISBOA

Photographia

FIDANZA

PARÁ

Rua Conselheiro João Alfredo, 22

O mais antigo e acreditado estabelecimento do

Norte do Brasil

premiado nas exposições de Paris e Chicago.

Nitidez, perfeição e arte

Telephone 290

Telegrapho—Figari—Lisboa

COMPANHIA CENTRO AGRICOLA INDUSTRIAL

(FUNDADA EM 1876)

Exposição permanente de machinas agricolas e industriaes, adubos, etc., etc.

17 a 31 — RUA DO ARCO DO BANDEIRA — 17 a 31

Encarrega-se do fornecimento de machinas e instrumentos agricolas e industriaes, adubos chimicos, etc., etc., bem como da installação de fabricas de qualquer natureza.

Executa-se todos os trabalhos em madeira, ferro ou bronze, fundição, etc., etc.

NAS OFFICINAS DA

Companhia Centro Agricola Industrial

CASE DO DAVID — POÇO DO BISPO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio — 27, Rua do arco do Bandeira, 27 — LISBOA

JOÃO BASTOS & CIA

Commissões e consignações

Lisboa — Rua da Prata, 14.º

CONSULTAS

Das 8 da manhã ás 6 da tarde

JOAQUIM CEZAR PAIVA

Cirurgião-Dentista

Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa
Especialista no tratamento de doencas de bocca e dos maxillares

Rua da Palma, 40, 1.º

CONSULTAS

Gratis aos pobres Das 11 ás 12

Companhia Industrial Productora de Papeis Pintados

Sociedade Anonyma Responsabilidade Limitada

Parte do papel empregado n'esta revista é fabricado na Companhia Industrial Productora de Papeis Pintados.

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada. Premiada em todas as exposições a que tem concorrido.

Fornecedora da Companhia Nacional Editora e das principais paes lithographias e typographias do paiz.

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
PAPIIS — LISBOA

Numero telephonico
878

Papeis para forrar casas, papeis de luxo e ordinarios, impressos e estampados, fingidos, envernizados, vincados, etc.

Papeis marmoreados, percalinados e de lustro, para cartanagens e involucros, etiquetas e rotulos.

Papeis couchés, para typographia, lithographia e photographias.

SÉDE E DEPOSITO GERAL

Rua de S. Sebastião da Pedreira, 25 e 27

* PROVAE OS DELICIOSOS VINHOS DO PORTO DE CONSTANTINO DE ALMEIDA *